



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARINA TOSCANO AGGIO

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Entrevistada: Marina Toscano Aggio

Local da entrevista: Curitiba

Entrevistadora: Maria Thereza Oliveira Souza

Data da entrevista: 13/06/2016

Processamento da entrevista: Maria Thereza Oliveira Souza

Páginas Digitadas: 27

Número da entrevista: E-774

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Trajetória no futebol, Futebol europeu, Primeiro salário, Visibilidade; Momento de sucesso; Seleção Brasileira, Campeonatos disputados, Patrocinadores, Carreira acadêmica; Treinadoras; Dificuldades enfrentadas, Desenvolvimento no futebol, Preconceito; Público.

Maria Thereza Oliveira Souza – Bom dia Marina, gostaria primeiramente de pedir que você se apresentasse. Falasse seu nome completo, sua idade, enfim, contasse um pouquinho da sua trajetória.

Marina Toscano Aggio – Uuuuh [surpresa, provavelmente, pela dificuldade de contar toda uma trajetória]. Meu nome é Marina Toscano Aggio, nome de solteira. Nome de casada, Marina Toscano Aggio de Pontes. É, eu tenho trinta e três anos, destes trinta e três, foram vinte dedicados à modalidade, aproximadamente vinte, seis jogados fora do país e quatorze jogados dentro do país, com trajetória pela seleção brasileira de futebol adulta, assim como pela seleção brasileira universitária também. Os dois países que eu estive foram a Suécia, durante quatro anos, no qual eu disputei a Svenska Cup, que é o maior campeonato da Suécia. E na Itália também, o campeonato italiano, junto com a equipe Verona Calcio Femminile, e na Suécia dois anos com o Bjalenads IK e dois anos com o Umea Sadra, ambas as equipes participavam da série A e me contrataram por quatro anos pra atuar com eles. Eu venho de uma cidade pequena do interior do Paraná, chamada Iretama, e que, mesmo a cidade sendo pequena, não foi um obstáculo pra que eu saísse dali. Desde então, eu nunca enfrentei, dentro da minha casa, resistência na prática da modalidade, mesmo porque meu pai é um apaixonado pela modalidade, então, desde pequena eu era levada pros campos, brincava, jogava no meio dos homens. Então, toda resistência que normalmente as meninas encontram na prática da modalidade, por causa da família, eu não tive esse problema, porque o meu pai, os meus pais, me deram um aparato, um suporte muito grande durante esse tempo. Dali eu sai, comecei a treinar junto com os meninos, numa cidade chamada Campo Mourão, que dá aproximadamente 60km da cidade da minha mãe, meu pai também bancava esse momento, tanto psicológico quanto financeiro e eu treinei ali por dois anos. Dali eu fui começando a ser indicada, nós éramos em 250 alunos e era só eu de mulher, na época. E dali os professores começaram a me indicar, porque eles viam que eu jogava com os meninos, mas não é que isso poderia ser oficial né, era não oficial. Fui pra Londrina, joguei durante um ano em Londrina, indo e voltando todo final de semana, já que eu ainda estudava nesse período e sempre com o suporte da minha família, isso você vai ouvir sempre, porque eles foram muito importantes na minha trajetória. Dali, ganhei o mundo, sai, fui pra São Paulo, fiquei dois anos no Juventus em São Paulo, aonde tem uma das maiores reveladoras do futebol feminino,

chamada Magali. Ela revelou muitas das jogadoras as quais estão hoje na seleção brasileira. E de lá, retornei para o Paraná, recebi proposta para jogar em Foz do Iguaçu em 2002. A primeira vez que eu fui convocada eu estava em Foz do Iguaçu jogando e trabalhei com a seleção em 2002, 2003 e 2004. Em 2004 recebi uma proposta pra ir embora pra Suécia e, novamente com o aparato da minha família, eu fui embora e fiquei quatro anos fora e me adaptei bem na Suécia, porque o futebol sueco é um futebol de muita força, de muita resistência e de muito condicionamento físico, características que eu tinha na época e que eu tive durante minha trajetória toda de vida como jogadora. Eu nunca fui uma grande jogadora habilidosa, mas essas características físicas me faziam sobressair num país europeu. Os países europeus trabalham muito com essa característica: força, resistência, condicionamento físico e pouca técnica. Lá eu permaneci por quatro anos, foi quando eu consigo analisar minha trajetória de vida como atleta profissional, antes Suécia, pós Suécia, pré Suécia e pós Suécia, por quê?...Porque eu aprendi o que é ser uma jogadora profissional lá fora, com treinamentos profissionais, com horários regulares, com uma equipe muito disciplinar que trabalhava o tempo todo conosco, além do salário né, que, lá fora ganhava-se muito melhor do que aqui.

E em 2008 (aproveitei tudo isso), mas tinha o fator família, eu me sentia muito sozinha lá fora, porque eu estava lá já há quatro anos, já tinha conquistado alguma coisa, algum capital financeiro aqui no Brasil e por bem, achei melhor voltar porque eu estava entrando em um momento um pouco depressivo. Então não valia a pena o dinheiro, apesar de eu estar ganhando um pouco mais, do que quando eu fui em 2004, eu achei melhor voltar, dar um tempo, descansar um pouco aqui e quem sabe, em um outro momento voltar pra fora. Eu já tinha um currículo e esse currículo me dava valias pra ir embora do Brasil. Em 2008 eu voltei, foi aí que eu senti a necessidade de fazer graduação em Educação Física, me graduei até 2010, sendo licenciada. Ao final de 2010, eu tive um trabalho aqui com o pessoal do Novo Mundo, revelando jogadoras de futebol feminino. Em 2011, recebi uma proposta do Foz do Iguaçu, que na época era uma equipe que estava em ascensão e eu fui embora pra lá, e lá fomos campeãs paranaense, além de sermos campeãs da Copa do Brasil, campeonato que na época era muito forte no Brasil. E a equipe de Foz do Iguaçu era uma equipe muito competitiva e valia a pena financeiramente. Aí mais uma vez, arrumei minhas malas, deixei tudo pra trás e fui pra Foz do Iguaçu, por lá permaneci durante um ano. Recebi uma proposta de ir embora pra Itália, na qual a Dayane Rocha intercedeu, fez toda a intercessão junto ao clube e eu fui embora por mais duas temporadas

né, pra Itália. Eu sou cidadã italiana também, tenho duplo passaporte, então ficou mais fácil jogar, porque o campeonato italiano você só pode jogar se for italiana, eles tem uma restrição quanto as estrangeiras, então só entra duas estrangeiras por time, e já tinham duas suecas no caso, então eu entrei como italiana. Retornei em 2013 e desde então eu joguei em Araraquara, na Ferroviária, cuja equipe é campeã brasileira, campeã da copa do Brasil por duas vezes e lá encerrei a minha carreira em 2014, ao final de 2014, porque tinha por objetivo ser mãe e, já pela idade, eu achei melhor parar e me aposentar, se é assim que eu posso dizer, apesar da categoria não provocar nenhum tipo de aposentadoria, porque nossa categoria é muito defasada em relação a isso, mas resolvi parar e ser mãe e buscar outros horizontes. Dentro disso eu graduei, pós-graduei e mestrei. Sou mestre em educação, fazem aproximadamente um mês que eu me formei, e agora eu pretendo atuar dentro das escolas municipais de Curitiba ou estaduais.

Maria Thereza Oliveira Souza – Nossa, muito legal. Você chegou a citar que iniciou a sua prática em meio a meninos, certo? Qual foi a primeira oportunidade que você teve de jogar em um time exclusivamente feminino?

Marina Toscano Aggio – Vendo a necessidade de sair dessa prática informal que eu fazia em meio dos meninos, a qual eu ganhei muito na época, porque jogar no meio dos meninos te dá algumas aptidões físicas diferente de jogar no meio de meninas, então, ganhei essas aptidões e fui indicada pra jogar num time de Londrina, que era o Grêmio Londrinense na época. E ali era uma equipe que era bem estruturada, amadoramente, no entanto, era uma equipe que disputava o paranaense, então, indicada pelos professores da própria escolinha do Zico na época eu fui e joguei com eles durante um ano o paranaense, o qual fomos campeãs naquela época.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse momento em que você atuava em meio aos meninos, na sua infância, você sofreu algum tipo de retaliação por jogar futebol e ser mulher, por parte dos meninos que jogavam com você, de algum professor, pais de meninos, enfim.

Marina Toscano Aggio – No início sim, eu lembro que quando eu fui fazer a inscrição quando a escolinha abriu, nós estávamos em 150 meninos, dentre os quais era só eu de

menina, e todo mundo ficava me perguntando: “o que você tá fazendo aqui?” “O que você tá fazendo aqui?” e eu falava: eu vou jogar, eu vou treinar, eu vou ganhar o que vocês vão ganhar né, o mesmo conhecimento que vocês, mas foi somente naquele momento, depois os meninos se acostumavam tanto com a minha presença, que quando eu não ia ou quando eu faltava nas aulas, eles ficavam me perguntando o porquê eu tinha faltado. E dali eu fiz grandes amizades, das quais eu consigo ter pessoas até hoje no meu face, no antigo Orkut. Então assim, a retaliação foi só no início, depois eles se acostumaram com a minha presença e foi tudo ok.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo, e esse seu início na prática se deu exatamente com que idade e você teve alguma influência positiva pra iniciar a prática do futebol?

Marina Toscano Aggio – Eu comecei tardiamente, eu já tinha doze pra treze anos, isso dentro do futebol masculino é tardiamente, porque os meninos iniciam com seis ou sete anos com as categorias fraldinhas e etc, e eu naquele momento iniciei com doze, mas eu já tinha uma aptidão porque eu já jogava na pequena cidade da minha mãe. A minha influência maior foi o meu pai, não tenho dúvidas disso. Ele é um apaixonado por futebol, era caminhoneiro na época, e durante os finais de semana ele chegava, me colocava dentro de um fusca que nós tínhamos, e eu por ser a única (não era a única menina, porque nós somos em três), ele gostava de me levar pra todos os lados e eu adorava, porque andava com ele pra baixo e pra cima nos finais de semana. Então minha maior influência foi dentro da minha própria casa, com meus pais, principalmente com meu pai.

Maria Thereza Oliveira Souza – Ótimo, e em que momento você alcançou a possibilidade de ser remunerada, quando foi seu primeiro salário ou seu primeiro ganho jogando futebol?

Marina Toscano Aggio – Então, desde o início, quando eu fui pra Londrina, Londrina me pagava apenas a passagem, mas isso já era satisfatório porque eu tinha treze pra quatorze anos, mesmo eu sendo de menor o campeonato permitia que eu jogasse, o regulamento do campeonato permitia que eu jogasse. Por isso que eu digo pra você na primeira resposta, que eu me considero profissional desde o dia em que eu recebi meu primeiro salário na Suécia, porque ali era um salário que eu só vivia pra fazer aquilo, eu só era jogadora de

futebol, com esse registro inclusive em carteira na época, em carteira ou em visto né, na época. Então, a partir daquele momento, eu, Marina me considero profissional porque recebi meu primeiro salário exclusivamente fazendo aquilo. No Brasil, não recebi um salário, era apenas uma ajuda de custo e as passagens, que no caso as equipes proporcionavam, mas salário mesmo, eu só tenho registro de jogadoras que receberam, que eram da seleção brasileira na época.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse contexto, como você enxerga a possibilidade de profissionalização do futebol brasileiro?

Marina Toscano Aggio – É... Eu não enxergo. Eu não consigo enxergar, minha visão é bastante crítica em relação à modalidade, por ter vivido fora do país tantos anos e visto que nós estamos anos luz atrás nessa modalidade chamada futebol feminino. “Mas Marina, as jogadoras recebem aqui para serem profissionais” [simulando uma contraposição externa]. “Tá, ao final da carreira o que elas recebem? Nada. Niente, como dizem os italianos”. [confirmando sua posição]. Nós somos uma categoria que recebemos esse salário, mas nem sempre temos uma carteira assinada, o único registro que eu sei de clubes que tem carteira assinada hoje é o Santos Futebol Clube, que registra as meninas, além do Kindermann, que trabalha com esse registro, apesar de ser bem informal, esse registro acontece ainda. Porém, entretanto, todavia, essas meninas, quando elas param de jogar, elas não tem uma...no meu caso, digo de uma forma bem sucinta, eu não tenho nenhuma carteira assinada, não tenho plano de saúde, não tive plano de saúde por bom tempo dentro da modalidade, é...bem como não tenho aparato nenhum em relação a INSS etecetera e tal, se eu paguei eu tive que pagar do meu bolso. Então acredito que a profissionalização da modalidade irá demorar para acontecer, porque os clubes não estão preparados para tal.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. E essa visibilidade do futebol feminino no Brasil, depois de toda sua trajetória, enxergando os caminhos que o futebol percorreu, você acha que melhorou? De que maneira você acha que está essa visibilidade?

Marina Toscano Aggio – Maria, eu não tenho dúvida de que isso melhorou. O futebol feminino, desde então, de 91 quando ele conseguiu participar do primeiro mundial até hoje são praticamente trinta e cinco anos, quarenta anos de futebol feminino, ele melhorou

bastante. Eu participei dessa história durante vinte anos dentro da modalidade, haja visto que, apesar de todos os fatores que impedem o crescimento da modalidade, cultural, assim eu posso dizer, as meninas tiveram uma melhora muito grande, taticamente, tecnicamente, fisicamente e...esteticamente [ênfase]. Eu falo isso porque desde então que a primeira seleção foi montada, nós tínhamos uma estética feminina totalmente voltada ao masculino. E eu dou esse motivo pelas pequenas referências que nós tínhamos do futebol feminino no Brasil. Por quê? Porque qual era a referência que nós tínhamos em 91? Nenhuma. Era de um futebol masculino, então as meninas tinham essa visão da modalidade e consequentemente, toda a estética era masculina...uniforme, cabelo, comportamento e blá, blá, blá, blá. Desde então isso melhorou muito, hoje, falando esteticamente, você olha na televisão, nós temos uma seleção extremamente feminina, e isso eu dou a globalização que o futebol feminino teve. “Por que Marina, você fala isso?” [simulando uma pergunta vinda de outra pessoa]. Porque muitas jogadoras foram pra fora do país, vendo uma evolução da modalidade lá fora, as meninas trazem essa imagem pra cá. Taticamente falando, melhoramos, são quarenta anos de modalidade no Brasil, de treinamentos, etcetera, passagens com boas jogadoras pela seleção, passagens de jogadoras pra fora, a visibilidade da Marta como cinco vezes jogadora melhor do mundo e tais outras técnicas e táticas. Aí você me pergunta: “Mas Marina, nós estamos no auge da modalidade”? “Não, nós estamos muito aquém disso, visto que as outras equipes no mundo, ou outros países, principalmente da Europa e América, que no caso Estados Unidos e Canadá, nós estamos longe disso, porque nós não temos profissionais que trabalhem com o futebol feminino que sejam voltados a modalidade, nós temos tapa buracos, que são aqueles treinadores que acham, ou aqueles homens que acham que entendem de futebol”. A melhora seria que nós, ex-jogadoras, fizéssemos esse retorno pra modalidade e trouxéssemos um pouco da nossa profissionalização pra isso, mas é um mundo extremamente masculino, difícil de penetrar.

Maria Thereza Oliveira Souza – E eu tenho uma curiosidade, sempre houve essa masculinização, principalmente na década de 90, as mulheres, como você disse, eram masculinizadas, eu acho que até para entrar no campo do futebol elas deveriam se portar assim. Havia então o caminho inverso, por exemplo, meninas que não se adequavam a esse padrão, serem deixadas de lado pelas próprias atletas?

Marina Toscano Aggio – Existia sim, na primeira equipe que eu fui embora pra São Paulo, no Palmeiras, na época, era uma equipe que só usava a camisa do Palmeiras, nós éramos em vinte e cinco jogadoras na mesma casa. Existia uma jogadora que ela saía do padrão atual, daquele momento, que era de masculinização, que era a Nildinha, uma ex-jogadora da seleção brasileira, fácil de você encontrá-la na internet porque ela joga até hoje em alguns times, ela tem quase quarenta e poucos anos e ela tinha uma filha linda, e a menina era levada para o campo sempre, então ela saía daquela padronização, daquela vida masculina (daquela teórica vida masculina) que as meninas se encontravam e ela era mãe. E isso me chamava muita atenção, porque eu gostava da companhia dela, porque eu era uma menina do interior...tinha vivido a masculinização dentro do Londrina, no entanto, a figura dela me confortava, por ela ser mãe, por ela estar próxima, então aquilo tudo me aproximou dela de uma tal forma que eu tenho amizade com ela até hoje. Então, ela fugia desses padrões, mas não era excluída, certo? Ela nunca foi excluída porque ela era mãe ou porque tinha opção sexual naquele momento padronizada como diferente. Ela simplesmente não morava na casa, ela morava em outro lugar e vinha de vez em quando, mas eu não vi exclusão por parte das pessoas em relação a isso.

Maria Thereza Oliveira Souza – Qual você considera o momento de maior sucesso da sua carreira?

Marina Toscano Aggio – Não foi na seleção brasileira, foi na Suécia em 2004, quando nós estávamos em 50 atletas estrangeiras. O campeonato sueco funciona da seguinte forma: a primeira divisão pode contratar quantas jogadoras estrangeiras for necessário. Então vinha gente do mundo inteiro jogar, o campeonato era fortíssimo. Minha equipe não estava entre as primeiras, a gente sempre brigava pra não cair, mas porque, financeiramente, nós não tínhamos a estrutura por exemplo do time da Marta que era o MELKO na época, então nós jogávamos em função de permanecer no campeonato, essa era a grande realidade. E ali entre as cinquenta jogadoras eu fui considerada a quarta melhor estrangeira que jogava, atrás somente de atacantes, eu ganhei um prêmio na época e aquilo pra mim foi bastante relevante porque nós éramos em cinquenta estrangeiras, dentre as quais praticamente todas participavam de seleções de seus respectivos países e ali pra mim foi o auge. Ir pra seleção brasileira em 2002 foi bacana, aprendi muito, ganhei muito profissionalismo ali, assim como em 2009, 2010 e 2011 também participei com a seleção

brasileira, no entanto não foi o auge da minha carreira, o auge da minha carreira, acredito, tenha sido da Suécia.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você não chegou a disputar Olimpíadas?

Marina Toscano Aggio – Não, não cheguei a disputar Olimpíadas porque fui cortada no meio do caminho, porque o treinador do time de futebol feminino disse pra mim que eu tinha a altura necessária, diga-se de passagem, eu tenho 1,74m, mas existia uma jogadora maior do que eu, de 1,80m, que ele considerava mais rápida e mais ágil. Sabe-se pelas teorias da Educação Física que quanto mais alta menos ágil você é, não é uma regra, mas pode-se dizer que algumas situações são bastante constrangedoras e eu fui cortada das Olimpíadas por causa disso.

Maria Thereza Oliveira Souza – De 2012?

Marina Toscano Aggio – 2012 [confirmando].

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. Voltando a questão da seleção brasileira, qual foi o sentimento de ser convocada pela primeira vez?

Marina Toscano Aggio – Maravilhoso né, vindo de uma cidade pequena, como poucas oportunidades e possibilidades que era a cidade de Iretama, a qual eu morei até os quatorze anos. Aquilo pra mim era um sonho, eu queria tá ali, era a realização de muitos dias de treinamento né, porque quem joga futebol sabe que se treina muito debaixo de sol, de chuva e de neve, isso não interessa. Naquele momento eu tinha 22 anos, já tinha me destacado em algumas equipes, eu sempre fui zagueira, no Foz do Iguaçu eu tinha uma visibilidade grande em relação as outras jogadoras e ali foi o primeiro momento em que eu fui pra seleção, fiquei 2002 e 2003. A sensação é maravilhosa, você chegar a um lugar aonde todo mundo quer ir, você estava entre as vinte e cinco melhores jogadoras do país, em um lugar que a televisão mostra o tempo todo, que era Teresópolis, com uma estrutura maravilhosa, um preparador físico, um fisioterapeuta, uma psicóloga, uma nutricionista, uma ginecologista, uma dentista e tudo aquilo pra mim era novidade, porque então, você sai de um processo amador que são os clubes e vai pra um processo profissional você se

vangloria. O problema é voltar pra realidade do amadorismo do Brasil. Mas respondendo a sua pergunta, é uma sensação maravilhosa, eu acredito que todas as jogadoras que estão hoje dentro do futebol feminino almejam essa possibilidade, ganhava-se muito pouco na época, 25 reais a diária, pra você ter uma ideia, mas aquilo era o que menos interessava, o interesse era tá ali trabalhando e durante esse período todo de dois anos eu fiquei frequentando a seleção, disputamos o sul-americano também na época e logo então fui embora pra fora, achando que fora eu seria mais valorizada que dentro e foi ao contrário, porque na época eles convocavam jogadoras que estavam no Brasil e não convocavam as jogadoras que estavam fora, pelo custeio, custo benefício de trazer uma jogadora de fora somente pra testes, além de, eu acho, na minha opinião, que eles não aproveitavam a capacidade de a gente estar jogando em um campeonato que era destaque no mundo, que ainda é destaque no mundo. Então hoje, eu como treinadora, provavelmente convocaria uma jogadora que estaria fora, porque quem pagava isso era a CBF.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse contexto, como você enxerga a seleção permanente que foi instalada esse ano?

Marina Toscano Aggio – Eu não concordo, eu não concordo com essa seleção. Haja visto que todos os objetivos é unir essa equipe, é programar uma coletividade pra ela, é trazer essas meninas próximas dentro do Brasil, mas essas meninas estão sem competição. Então eu não concordo com isso, jogadora precisa de competição, precisa ganhar esse ritmo, precisa ganhar esse hábito, e dentro da seleção brasileira hoje elas trabalham com treinamento, elas ficam vinte, trinta dias treinando, sem estímulo nenhum esportivo e muito menos competitivo e, de vez em quando, acontecem amistosos. Esses amistosos, se você ganhou bem ou se você perdeu, parece que nada se modifica e as jogadoras acabam entrando em um patamar de conforto. Eu, possivelmente, se trabalhasse em qualquer outra situação, colocaria essas meninas pra jogar em grandes clubes fora do país, as acompanhava para que elas tivessem um rendimento nos clubes, e, automaticamente fossem titulares, porque a competição, os treinamentos são mais fortes do que os treinamentos que acontecem na CBF, então elas lá fora teriam que trabalhar em um patamar competitivo, além de buscarem seus lugares nas equipes, de estarem jogando grandes campeonatos e esses objetivos seriam trazidos para a seleção. Eu digo isso porque em 2007 nós tivemos a seleção mais estrangeira que teve no Brasil, a grande maioria das

meninas jogava fora e nós fomos segundo colocadas no mundial que teve e, em 2008 em Pequim, então, vice-campeãs também. Então eu acredito que o profissionalismo lá de fora traga muitos benefícios pra quem tá aqui dentro da seleção jogando, se você está em um período de conforto, aonde as pessoas não se veem prejudicadas por nenhuma outra ou que a sua posição é sempre cativa, banco cativo que a gente chama no futebol, essas meninas não dão o máximo que elas deveriam dar.

Maria Thereza Oliveira Souza – Ainda falando sobre seleção brasileira e convocações, são diretores da CBF que ligam... De que maneira isso ocorre?

Marina Toscano Aggio – Normalmente eles mandam, eles mandavam...primeiro eles ligam pra atleta [risos] de forma muito amadora, inclusive, primeiro a atleta depois o clube, isso foi várias vezes comigo. Em 2002 eles ligavam: “Marina, olha, nós somos da CBF, estamos observando você, você é uma jogadora que nos interessa e você vai ser convocada para o próximo período de treinamento em Teresópolis”. Desde então, o clube ficaria sabendo, o coordenador do clube ficaria sabendo, mandariam essa convocação oficial para o clube e o clube entregaria pra atleta. Então, em muitos momentos isso se inverte – atleta/clube – quando deveria ser ao contrário – clube/atleta. Hoje, mais profissional, um pouco mais profissional, a CBF trabalha dentro desse formato: clube recebe a convocação e repassa pra atleta e uma atleta que já foi uma ou duas vezes e ela fez um bom trabalho lá, automaticamente ela sabe que volta, a não ser que ela fez um trabalho muito ruim ou teve um caso de indisciplina lá dentro, porque é muito rigoroso as categorias mais baixas, que são as sub15, sub17, eles trabalham dentro de um formato disciplinar muito grande, assim como a sub20. Adulto é mais livre, as jogadoras tem mais... Nós conquistamos essa liberdade, não é que era assim não, mesmo assim ainda você vai pra competições hoje e você vê os países desenvolvidos que participam do futebol feminino, tipo Estados Unidos, Inglaterra, as meninas passeando, andando, enquanto nós brasileiras estamos presas dentro de um hotel, achando que essa prisão traz algum benefício, e a gente já percebeu que não, porque se fosse assim nós ganharíamos todos os campeonatos mundiais e Olimpíadas, haja visto que essas jogadoras vivem em países um pouco mais democráticos, mais líberos, mais evoluídos do que o futebol feminino no Brasil, elas tem mais liberdade também.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. Mas essa rigorosidade era feita pela comissão técnica?

Marina Toscano Aggio – Isso, isso parte do coordenador, na minha época era o Paulo Dutra e ele era muito rigoroso, não saía nem dos quartos, não podia nem sair de um quarto pro outro pra conversar, pra brincar, pra nada. Era treinamento, quarto, alimentação; treinamento, quarto, alimentação.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você chegou a citar que no período em que você jogou na Suécia, que havia uma certa barreira com relação as estrangeiras, certo?

Marina Toscano Aggio – Na Itália.

Maria Thereza Oliveira Souza – Ah, na Itália, tá. De que maneira isso ocorria...por parte das jogadoras também?

Marina Toscano Aggio – Não, não. Isso é um regulamento do Campeonato Italiano, e eu fui procurar saber o porquê, visto que eu tinha jogado em um campeonato que era tão aberto às estrangeiras e era tão forte que eu queria saber o porquê que a Itália restringia as possibilidades das estrangeiras entrarem e conversando com a Katia Serra, que é a coordenadora do futebol feminino na Itália, ela disse pra mim assim: “Marina, nós temos medo do futebol feminino crescer de uma certa forma aqui na Itália que as jogadoras que vem de categorias de bases não tenham a possibilidade de jogarem nas equipes nas quais elas foram formadas”. Uma outra regra lá é o fato das meninas assinarem, desde a sua formação até os vinte e quatro anos, um pequeno contrato que é formal perante a Confederação Italiana, que se caso elas saírem antes dos vinte e quatro anos, o clube que a levou paga uma multa referente à quase a mesma lei de futebol Pelé que nós temos no Brasil, a qual o clube dá um ressarcimento da formação daquela atleta dentro do clube, então baseado nisso ela deve permanecer até os vinte e quatro anos aonde o passe é preso, depois o passe fica livre, nesse campeonato eles não liberam para estrangeiras, porque tem medo de as meninas mais novas não consigam progredir dentro das equipes, porque uma estrangeira chegou você é obrigada a colocar ela como [risos], não é obrigada, mas, teoricamente, é obrigada a colocar ela como titular.

Maria Thereza Oliveira Souza – Bom, de que maneira você visualiza a relação da CBF com as atletas de futebol feminino e o com o desenvolvimento da modalidade no país?

Marina Toscano Aggio – É, pra seleção permanente, a CBF faz um bom trabalho. Haja visto que eu não concorde com o trabalho que ela faz, ela faz. Hoje ela paga um salário para essas atletas, ela dá uma estrutura de treinamento, com grandes profissionais. Esse profissional inclusive veio do futebol masculino, que é o professor Vadão, e o Vadão trouxe toda a equipe dele. Então as meninas estão bem aparadas profissionalmente em relação a treinamentos ali. Falo de competições, competições elas não tem. No caso da CBF, eu acredito que ela se isenta do crescimento da modalidade. “Ah Marina, mas ela promove competições, ela tem as seleções sub15, sub17, sub20, adulta.” [simulando uma contraposição externa]. Mas quando a CBF vai em busca de jogadora, ela vai aonde? Ela vai no clube. E aí no clube ela vai lá e pega aquela jogadora formada e leva pra dentro da CBF, teoricamente formada, porque ainda existe um déficit muito grande na formação das nossas jogadoras. Ela vai lá e busca e coloca dentro da seleção e deixa o clube a Deus dará, ou seja, o clube que formou durante dez anos, cinco anos ou essa menina se destacou, a CBF simplesmente pega e coloca dentro da seleção permanente, paga um salário pra ela e ela vai, porque aquele salário é maior do que o que ela ganha no clube. A minha crítica maior é, se você vai buscar jogadora dentro do clube, porque você não ajuda na formação dessa jogadora, certo? “Ah, mas eu faço Copa do Brasil” [imaginando uma possível fala de defesa da CBF]. “Tá, é pra adulta, certo?” “Ah, eu faço Copa do Brasil”... “e ela dura dois meses, não mais que isso”. Aí o Ministério do Esporte entra com o brasileiro, que gasta-se um absurdo pra dois meses também, e a gente nunca sabe pra onde vai o valor desse dinheiro, porque afinal de contas são 10 milhões cedidos pela CAIXA e que acontece em dois meses. Aí as federações entram com os pequenos campeonatos, campeonato paranaense, paulista, cearense e blá, blá, blá, blá, blá, blá. Então, minha crítica maior pra CBF é: se você busca jogadoras dentro do clube, então dê estrutura financeira para que os clubes formem essas jogadoras e você tenha a possibilidade de buscar. O fato de você buscar essa jogadora dentro do clube sem dar nenhum centavo pra formação dela é muito fácil. Assim como acontece hoje com muitos procuradores, eu tenho três, quatro deles no meu celular, pedindo indicação de jogadoras pra levar pra fora do país. E todos eles sabem meu posicionamento, porque eu sou bem crítica em relação a isso. “Ah eu estou dando

oportunidade pra jogadora ir pra fora do país.” [imaginando uma possível fala do procurador]. “Você está dando? Você está ganhando em cima dela e você não formou ela em nada” [resposta própria a pergunta anterior]. Ou seja, você tira ela do Brasil, coloca ela dentro de um avião, ganhando uma porcentagem pra levar pra um clube na Europa, mas a trajetória toda dela antes de vivência do futebol você não deu um centavo. Então assim, não é profissional nessa área também. Então levar jogadoras pra fora é fácil, eu posso ter vínculo com todas as jogadoras do Brasil que eu conheço e elas vão acreditar em mim porque eu vou dizer assim: “fulana, tem um time assim interessado em você” e a menina que ganha mil reais ela vai pra fora do Brasil pra ganhar 4 mil reais, 5 mil reais, só que todos eles não fazem a base da formação da jogadora, que é a formação que os clubes tem esse gasto com elas, não tendo isso, qual o direito que você tem de vir buscar uma jogadora pra colocar na seleção brasileira?

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse contexto, qual o papel que os patrocinadores exercem? Existem patrocinadores que investem forte nos clubes aqui no Brasil, que você tem conhecimento?

Marina Toscano Aggio – Atualmente, a CAIXA que é o poder público, mas ele investe no futebol feminino. Eu participei em Araraquara durante duas temporadas e lá nós tínhamos o patrocínio da CAIXA, que pagava o nosso salário. O Brasileiro é patrocinado pela CAIXA, via ministério do esporte. Demais clubes, pouquíssimos patrocínios, pouquíssimos. Interior de São Paulo são as prefeituras, grande parte, são as prefeituras que bancam, porque elas tem interesse que essas equipes participem do Abertos, que é um campeonato importante dentro de São Paulo, jogos importantes em São Paulo. Demais equipes são pessoas que gostam do futebol, eu cito o Kinderman, que eu conheço o seu Salésio, um senhor que tem uma rede de hotéis e ele trabalha com formação de jogadoras, bem como trabalham com equipe principal, jogam campo e futebol de salão. E essas meninas tem alojamento, e, também, se não me falha a memória, tem carteira assinada, não como jogadoras, mas como funcionárias desses hotéis, mas já é alguma coisa, você não pode negar que isso seja um benefício para a modalidade. Outras equipes vivem em função de pequenas prefeituras que ajudam, mas grandes patrocínios, não. Eu não tenho referencia nenhuma de grandes patrocínios. Temos a equipe da Marinha no Rio de Janeiro, que é formada pelas meninas que jogam e atuam como militares dentro do Rio de Janeiro, e essas

meninas tem um salário, bem como tem carteira registrada como militares. E elas atuam pela seleção brasileira militar também, que foi campeã mundial agora, acabaram de ser campeãs mundiais agora que foi, se não me engano, no Japão ou na Coreia, isso dá um grande orgulho. Sendo as outras jogadoras de futsal são os pequenos patrocínios que ajudam também, mas não posso citar nenhum grande a não ser a CAIXA que é público, sai do meu, do seu dinheiro.

Maria Thereza Oliveira Souza – Com relação aos seus treinamentos na seleção brasileira. Uma entrevistada anterior me informou de que ela não recebia os valores pra mim em período de treinamento, era assim com você também?

Marina Toscano Aggio – Essa pessoa que te informou, ela se destinava a vim dessa forma, como eu, durante o período que eu estive fora, eu não fui convocada, eu não sei te dizer, não sei te responder. No caso dela, como ela foi convocada, ela teve esses detalhes dentro das convocações dela. No meu caso eu não posso te responder por que todo o período que eu tive no Brasil eu fui convocada e fui ressarcida pela convocação. No caso de estar fora, duas vezes eu neguei justamente porque se eu fosse o meu clube de lá cortava o meu salário, e o meu salário era muito maior do que eu recebia na CBF, então pra mim não compensava.

Maria Thereza Oliveira Souza – Ainda com relação a sua vivência dentro da seleção brasileira, durante o seu período lá, você teve contato com tentativas da própria entidade (CBF) de estetizar essas meninas, de dar uma aparência melhor, para elas serem mais femininas, digamos assim?

Marina Toscano Aggio – Eu não cheguei a presenciar nenhum tipo de imposição sobre isso, mesmo porque a minha imagem sempre foi muito feminina e eu sempre me preocupei muito com isso. No caso das demais jogadoras, houve sim um tempo em que a CBF, ditava algumas meninas que estavam lá dentro, foi num período em que eu não estava dentro da seleção, queria que as meninas tivessem cabelo comprido, isso eu não ouvi uma vez, foram várias vezes. A CBF impunha que as jogadoras tivessem um perfil um pouco mais feminino, tanto que até o próprio uniforme tornou-se um pouco mais feminino devido a todo um melhoramento da estética feminina. Em 2007, se eu não me engano, se não me

falha a memória, a Federação Paulista de Futebol fez uma paulistana, na época era intitulada de paulistana, a qual ela contratou modelos pra colocar dentro do campeonato paulista, achando que essas meninas dariam um perfil muito mais feminino a modalidade. O resultado disso tudo Maria, foi que existiu beleza e o técnico e o tático caiu lá em baixo, foi por água abaixo. Então assim, o campeonato foi de baixíssimo [ênfase] nível, porque uma vez que você coloca uma modelo que não sabe nem chutar uma bola [risos], não é que o campeonato seria de grande valia, e foi praticamente um fracasso. Então foi somente uma vez que aconteceu com a paulista, não aconteceu nunca mais, visto que o nível caiu muito.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse momento, você acredita que as meninas se sentem mais livres para serem femininas e praticarem futebol ao mesmo tempo?

Marina Toscano Aggio – Não acredito que elas eram presas anteriormente a esse patamar. É que nós não tínhamos um outro exemplo pra dignificar essa postura feminina, porque eu falo? Porque se até então nós só tínhamos uma referência, porque nós tivemos jogadoras que foram embora do país a partir dos anos 90, talvez, eu não tenho isso cientificamente comprovado, quem foi a primeira jogadora a ir pra fora do país e nem em que ano. O que eu imagino é que, depois de 90, quando as jogadoras começaram a sair do país, começou-se a abrir as portas e via-se que a jogadora brasileira tinha técnica pra isso e uma das primeiras, acredito, foi a Sissi, que hoje é treinadora nos Estados Unidos, foi-se abrindo espaço, então eu ia lá fora, buscava o que tinha de melhor e trazia essa estética pro futebol feminino brasileiro. “Mas Marina, lá fora não é masculino? É, você encontra jogadoras, mas é mínimas, mínimas...a grande maioria das minhas amigas e atletas na época da Suécia eram mães, então assim, era muito comum ver famílias nos campos, as mulheres, paralelamente ao futebol, tinham uma outra estrutura de vida, tinham família, tinham filhos e elas tinham os filhos e voltavam a jogar, dois, três meses depois. Então eu acredito que toda essa visão que nós fomos lá fora e buscamos, eu não falo só eu não, porque eu tive um trabalho com mais de cem meninas aqui no Novo Mundo e eu prezava muito pela estética, porque infelizmente, o nosso país trabalha com essa função estética, essa cultura estética corporal. Infelizmente, nós temos a visão de que a mulher não pratica o futebol feminino, que a mulher ela é masculina, claro, com muitas exceções, hoje o futebol está muito mais evoluído do que antigamente, a mulher tem o cabelo comprido. E umas das minhas brigas em relação a isso é que toda vez que nós íamos dar entrevista, eu tinha que tá linda, eu

tinha que tá arrumada, eu tinha que tá perfeita nos programas de televisão, porque as pessoas queriam ver uma Marina que eu não era em campo. Então assim, uma vez, uma repórter: “ah mas você passa batom? Você passa isso”? Eu disse pra ela assim (depois de muitos anos a gente fala o que a gente pensa): “você veio falar da Marina atleta ou da Marina mulher? Porque se for da Marina mulher nós vamos responder essa pergunta, mas a Marina atleta ela não entra em campo cheirosa, ela não entra em campo com rímel, porque o rímel borra, porque eu tenho noventa minutos em baixo de um sol pra correr e a Marina atleta ela soa e ela necessita de músculos pra correr e ela não é tão feminina como você gostaria que ela fosse. Agora se você quiser falar da Marina mulher eu vou dizer pra você, que a minha vida fora de campo é assim, com maquiagem, com salto, com tudo aquilo que a sociedade quer ver”. Então assim, é uma das minhas críticas com relação à própria mídia é que a mídia influencia muito a relação mulher e esporte, mulher e esporte. Então, ela quer juntar todos esses fatores, mas, na realidade, isso é muito diferente, porque a “mulher esporte’ é aquela mulher que treina todo dia debaixo de sol, não é bonita, não é maravilhosa e não usa salto, apesar do lindo corpo que ela tem. A “mulher mulher”, que a sociedade quer que ela seja, é uma mulher que é aquela do cotidiano, que não pratica esportes, desculpa, mas essa é a verdade.

Maria Thereza Oliveira Souza – Essa sua visão crítica sobre o futebol, sobre, enfim, essas questões, ela foi influenciada pela sua carreira?

Marina Toscano Aggio – Não, foi influenciada pela minha carreira de experiência como jogadora. A acadêmica ampliou conhecimentos e visões. Trouxe críticas à universidade também em relação às questões de gênero, porque desde o meu mestrado eu trabalho sobre essas questões e o porquê que os currículos escolares das graduações não falam sobre essa questão de gênero nas escolas e ele é muito superficial, quando se fala é muito superficial. E o professor de Educação Física tem que estar atento a essas questões, porque se leva essas questões de desigualdade de gênero para as aulas de Educação Física e se o professor não tiver uma visão ampliada ou conhecimento sobre essa questão ele deixa passar em branco muitas frases que diminuem ou proliferam a questão da masculinização da modalidade. “Ela não sabe jogar”; “Eu não quero ela porque ela dá canelada”; “Elas não tem o direito de jogar”. Então, o fato de os professores não estarem atentos para esta visão ou talvez porque eles não tenham ganhado conhecimento dentro da universidade para

estarem atentos a esta visão, isso tende a se proliferar e reproduzir nas aulas de Educação Física. E para nós, jogadoras de futebol ou pra menina que quer praticar futebol, ela pode se inibir com esse ato e deixar de praticar a modalidade, não só da modalidade, mas pra uma qualidade de vida que o futebol também proporciona.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. Com relação à tática, eu percebi que você fala bastante de tática, de questões técnicas e táticas do jogo. Você teve alguma técnica mulher e o time como um todo se preocupava com essas questões?

Marina Toscano Aggio – Minha segunda equipe depois que eu fui pra São Paulo foi a Juventus da Moca, a qual nós tínhamos uma treinadora chamada Magali, que eu já citei como uma das maiores formadoras de atletas do Brasil. A formação dela era muito básica, hoje eu entendo que era muito básica, mas ela tinha uma disciplina muito grande dentro da equipe, ela se importava muito com a estética das jogadoras. Nesse decorrer do tempo ela trabalhou muito com tática e técnica e isso é fundamental no esporte que eu pratico há tantos anos. Necessita-se de tática pra se posicionar uma equipe dentro do campo, técnica que é junção da habilidade da jogadora com a estrutura física e claro, que umas nascem mais que as outras, nós estamos no país da técnica, da ginga, da facilidade de dar um drible, nem sempre isso também é valorizado lá fora, porque lá fora não se dribla tanto, se passa, se trabalha taticamente. Viver essa tática lá fora me trouxe muita experiência pra cá, porque no momento em que eu estive na Suécia nós batíamos muito nessa tecla de tática...tática, tática, tática, posicionamento de campo, posicionamento, com passe certos, se o passe desse errado o treinador enchia o saco, é, a perfeição do tático com a perfeição da técnica associada ao passe, ao lançamento, ao cabeceio, a todas as habilidades que necessita dentro do futebol eram importantíssimas lá fora, então, hoje se tem muito mais importância no Brasil. As jogadoras nem sempre entendem dessa técnica, elas vão anos e anos pra trabalhar isso, ou seja, se ela chega no futebol com 14, 15 anos e ninguém ensinou tática e técnica pra ela, ela vai pra uma seleção brasileira com apenas a técnica dela e isso não é interessante hoje pro futebol mundial, porque se vive um momento no futebol mundial no qual existe muito tático em campo, o tático é importantíssimo dentro do futebol masculino e feminino, é por isso que eu bato muito na tecla do tático porque uma vez que eu trouxe isso de fora eu levei por mais dez anos na minha vida e não acho que o futebol brasileiro vai evoluir sem essa tática, sem essa disciplina tática dentro de campo, acredito

que só a técnica do brasileiro vai levar a gente pro 7 a 1 que a gente teve contra a Alemanha. [risos]

Maria Thereza Oliveira Souza – Com essa sua postura, você exercia uma postura de liderança nos clubes em que você passou e, principalmente, na seleção brasileira?

Marina Toscano Aggio – A vida inteira, a vida inteira eu exerci um poder de liderança. Agora nos últimos anos era pior ainda, porque eu não era só uma líder, eu era uma líder crítica e isso incomodava muitas pessoas. Durante o tempo em que eu só liderei não foi difícil lidar comigo, mas no tempo que eu liderei e critiquei se tornou impossível, porque eu vi muitas coisas que batiam de frente aos meus conhecimentos acadêmicos e as minhas experiências como jogadora. E vê que uma pessoa que vai te dar um treinamento entende menos do que você, não me vangloriando ou não me colocando em um patamar acima dessas pessoas, porque eu ainda era jogadora e jogadora ainda é submissa ao treinador em muitos momentos aqui no Brasil, porque lá fora existe uma igualdade e jogadora pode interferir nesse processo. Aqui no Brasil existe uma hierarquia ainda, o treinador é o cara que entende tudo, que faz e acontece e não é bem assim, não é porque você é homem que você entende do que você está falando, então assim, era muito difícil engolir algumas situações, e o treinador pra ele ser bom ele tem que te dar algo a mais e durante vinte anos eu tive todo esse processo. Então me dar algo a mais na época em que eu joguei no Araraquara era só pra quem realmente entendia, porque eu já tinha uma experiência na modalidade. Além disso tudo, tinha a questão da administração da modalidade, aí eu volto a bater na tecla porque a maioria dos profissionais que trabalham na área são pessoas desqualificadas pra trabalhar, são pessoas que se formaram em Educação Física e acham que entendem de futebol, são homens que acham que entendem de futebol, são pessoas mais velhas que vem pro mundo do futebol achar uma oportunidade pra conseguir um dinheiro a mais na modalidade. Pessoas formadas, com cursos da FIFA ou da CBF são poucas hoje em dia e o mundo do futebol pras mulheres ele é muito masculino, existe uma luta muito grande de dominação masculina, em que as meninas não penetram nesse mundo. Nós temos hoje a treinadora Emily que é treinadora do São José, ela é muito capacitada pra estar fazendo o que ela faz e ela está levando a equipe dela a final de campeonato brasileiro, visto que já passou pelas categorias de base da seleção, também. “Mas Marina, você qualifica as pessoas pelo curso?” [imaginando uma pergunta vinda de

outra pessoa]. Também, eu preciso qualificar as pessoas pela questão acadêmica. Sem uma formação acadêmica, sem um curso e sem a vivência na modalidade como que você adquire isso? Eu não entendo. Então por isso o amadorismo na modalidade, entendeu? Porque muitas pessoas acham que entendem e trabalham com a modalidade de forma a achar que podem levar um grupo de vinte e cinco meninas a fazer um trabalho profissional, isso é mentira.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então você acredita que a maior dificuldade é na inserção de mulheres nas funções dirigentes do futebol?

Marina Toscano Aggio – Acredito não, isso é comprovado cientificamente que nós temos um déficit muito grande de mulheres trabalhando com o sistema administrativo esportivo brasileiro e no futebol isso não é diferente e existe um déficit tão maior quanto, porque eu acredito que, e trago essa experiência de fora, da Itália, porque na Itália tem um sindicato de futebol feminino dirigido por ex-atletas. Existe um trabalho de evolução da modalidade para que ex-atletas que estavam na seleção italiana possam atuar nos clubes. Porque disso? Porque a mulher que viveu da modalidade ela sabe dos problemas da modalidade, a atleta que viveu, se ela conseguiu sugar alguma coisa que a modalidade tem pra te dizer e não apenas chorar em frente da câmera, ela tem alguma coisa pra dizer pra modalidade e sugerir coisas, soluções que possam melhorar o crescimento da modalidade. No Brasil não existe esse segmento, hoje a seleção brasileira feminina não tem nenhuma ex-atleta, não consigo enxergar nenhuma ex-atleta hoje na seleção brasileira que possa estar fazendo esse trabalho, a não ser a Emily que está trabalhando com isso, apesar de algumas ajudas de algumas ex-atletas que estão na seleção quando vão fazer amistosos fora, não existe ninguém hoje dentro da comissão técnica, ela é extremamente masculina. Então existe uma dominação do mundo masculino, pensando que só homem entende de futebol. Mas aí eu critico também as meninas, porque elas não têm formação pra isso, né. E chorar na frente da câmera, eu já falei isso pra Marta: “Marta, para de chorar na frente da câmera, porque infelizmente o seu chorar não vai dar em nada, nem o meu, nem o de ninguém vai dar em nada”. Precisamos de pessoas que enxerguem a modalidade, critiquem a modalidade e vejam a modalidade como fatos de crescimento dela. Pra você criticar a modalidade você precisa entender o que você tá falando sobre ela. Viver isso não é chorar na frente da câmera, porque ninguém vai te dar dinheiro pra isso, nenhum patrocinador vai te dar mais

dinheiro. Prova disso é que eu fui campeã duas vezes na Copa do Brasil, no Brasileiro e todas as vezes nós pedimos patrocínio para que as coisas melhorassem e te juro, no meu bolso nunca entrou nenhum centavo, então o meu chorar não resolvia mais, o meu pedido de patrocínio não resolvia mais. É um trabalho difícil de ser realizado no Brasil por causa da cultura que nós enfrentamos também em relação ao futebol masculino. Existe muita comparação em relação ao masculino e feminino, não sei se as pessoas olham o jogo de futebol feminino e ainda permanecem com a mesma visão crítica, conservadora, tradicionalista sobre a modalidade.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse sentido, sabendo disso tudo, você ainda enxerga a possibilidade de trabalhar com o futebol?

Marina Toscano Aggio – Hoje não, eu não quero. Eu passei durante vinte anos da minha vida sem uma carteira assinada. Hoje, ao contrário, eu faço um trabalho de conscientização perante as redes sociais que tentam alertar as jogadoras que paguem seus INSS, seus tributos fiscais a parte para que a hora que elas saiam do futebol elas tenham a possibilidade de ganhar uma aposentadoria, mesmo que pequena, visto que ela pagou o INSS. Outra coisa é a conscientização da questão do estudar, porque o futebol feminino pode não ser tão profissional assim no Brasil, você pode não ganhar milhões com ele, mas ele sempre te dá a possibilidade de um estudo, de uma faculdade agregada aos times e isso nem sempre as jogadoras aceitam ou elas não querem. Eu fiz toda a minha graduação e não paguei nenhum centavo dela, feita em universidades particulares aqui em Curitiba, fiz minha pós-graduação e não paguei nenhum centavo nela, meu mestrado eu tive que arcar com as consequências porque não tinha bolsa pra isso. Mas a possibilidade desses pontos positivos de estudo, nem sempre a jogadora brasileira enxerga, ela acha que vai ter uma vida infinita na modalidade e esquece que durante 30, 32, 35 anos você não vai permanecer na modalidade e isso vai fazer com que você volte a um trabalho subalterno no Brasil, retorne a um trabalho subalterno, com todo respeito a todos os trabalhos subalternos que tem no Brasil, são muito dignos, eu acho que a possibilidade de você fazer uma faculdade com o futebol ela é muito próxima, então porque não fazer? Porque as nossas jogadoras, infelizmente, ainda não conseguem enxergar dessa forma.

Maria Thereza Oliveira Souza – Com relação a mulheres dirigentes, e agora você falou das universidades, você conhece o trabalho da Maicon, da Maicon Jackson no Ministério do Esporte?

Marina Toscano Aggio – Aah...conheço sim. Eu trabalhei com a Maicon, eu fui em uma reunião do Ministério em 2013, convidada pelo Ministério, com gastos pagos pelo Ministério do Esporte em Brasília, a qual eu participei de uma reunião deles, ali nós discutimos alguns projetos, algumas ações de desenvolvimento, de crescimento da modalidade, mas não passou daquilo, nós ficamos naquele básico da reunião. Eu tive presente também na época numa competição que era universitária, primeiro jogos universitários, na qual o ministério estava gastando 2 milhões pra manter aquelas equipes ali em Brasília, esse ano se não me engano foi em Fortaleza.

Maria Thereza Oliveira Souza – Maceió.

Marina Toscano Aggio – Maceió né, e outras ações que o Ministério anda fazendo, que é o sub17, que tem os escolares né, da categoria sub17 de campo e ali foram desenvolvidos alguns propósitos dentro da modalidade, mas não passou disso, ficamos naquela reunião e eu voltei embora. Acredito que, e eu levei um projeto com todas as minhas ideias do que eu pensava e, na verdade, ele entrou na mala e saiu da mala da mesma forma que ele foi, porque eu não sei se minha opinião importava naquele momento.

Maria Thereza Oliveira Souza – Entendi. Você já falou sobre o preconceito, então durante a sua prática profissional você não sofreu mais preconceito de gênero em relação ao futebol?

Marina Toscano Aggio – Não, e eu não admitia sofrer, uma vez que eu não tive isso dentro da minha casa, eu não admitia que nenhuma outra pessoa dissesse ao contrário. E eu pratiquei a modalidade durante tantos anos, fui respeitada dentro de todos os clubes que eu passei. É claro, “no início você não ouviu piadinhas?” [simulando um questionamento]. É claro, isso é normal. Só que como eu não tive a dominação masculina dentro da minha casa eu não permitia que ninguém fizesse ao contrário também. Esse habitus familiar que foi adquirido dentro de casa por meio dos meus pais, que meus pais nunca impediram que eu

jogasse, eu levei por toda a vida, e aí eu vou levar como professora, como profissional, que eu também não admito isso, bem como vou levar como mãe, possivelmente, pro meu filho, porque uma vez que a gente adquire um hábito dentro da família, reestruturá-lo dentro das outras instituições não é fácil, mas como eu tinha esse habitus e esse habitus foi muito positivo, provavelmente eu vou levar para o resto da minha vida como positivo.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. E você tem uma posição muito crítica com relação a posição da própria atleta sobre o futebol feminino no Brasil. Você tem caminhos possíveis, você enxerga caminhos alternativos pra essa melhoria do futebol feminino no Brasil?

Marina Toscano Aggio – Acredito que a educação é um caminho em relação a isso. Eu acho que a partir do momento em que a jogadora deixa de ser somente jogadora e consegue enxergar o mundo acadêmico em volta dela, e esse mundo acadêmico te traz grandes conhecimentos referentes ao que você aprende, ao que você repassa, te torna muito mais apto a dar posicionamentos dentro da modalidade. Como você só vive aquele mundo, com pessoas que só mandam em você o tempo todo, que fazem você fazer aquele exercício que não combina com o treinamento diário e tudo aquilo você vai vendo e vai agregando novas visões pra aquilo. Então, o criticar das jogadoras é o ganho de conhecimento, e eu acredito que isso acontece muito quando vai pra fora do país, quando as jogadoras saem daqui, saem desse mundo de futebol feminino, porque você vai pro estado de São Paulo é um mundo, você vai pro estado da Paraíba é outro, a realidade lá é pior, você vai pro Ceará é pior do que aqui, duas ou três vezes, então você volta um pouquinho mais profissional pra São Paulo, que teoricamente é o estado que mais tem times de futebol feminino no Brasil hoje e existe um campeonato que dura entre seis e sete meses. A busca dessa globalização dentro do país e fora dele te agrega valores, te agrega visões e te amplia os conhecimentos necessários para que você consiga enxergar que aquilo não é exatamente aquilo que deve ser. Então, muitas jogadoras chegavam pra mim e comentavam: “Marina, o que que você acha, o que que você não acha?”. Não sou eu que tem que achar, a minha opinião, a Marina, 34 anos falando, 33 anos falando é de muitos anos jogando a modalidade, então eu enxergo de uma forma, outras jogadoras enxergam de outra por causa da pequena visão, da visão um pouco mais ampliada, da visão um pouquinho mais globalizada. Eu tive oportunidade de jogar campeonatos, inclusive Champions League, e essa Champions

League te levava pra um país aqui extremamente profissional, tudo aquilo bonito e aí você volta pro estado de São Paulo é aquela várzea, não tem nem se quer às vezes, ambulância dia dos jogos, o juiz atrasa. Então você fala assim: “puxa vida, passei por uma Champions League aonde era tudo muito profissional, as pessoas iam receber você na entrada do hotel, era tudo cinco estrelas, era isso, era aquilo, de repente você vem pra uma várzea” [expressões e tom de voz de indignação]. A escolha é minha de ter vindo pra cá, mas aí com essa visão ampla e com essa visão pouco ampla você consegue ir abrangendo as coisas e ir criticando. Não concordo com o que a seleção faz hoje na seleção permanente, não concordo com a postura das próprias jogadoras, não é só a CBF que é errada no futebol feminino, são as próprias posturas das jogadoras, são as próprias confederações, as próprias federações que são erradas na modalidade. Mas aí você me pergunta: “Marina, tá tudo errado?” Não tá tudo errado, precisa ser readministrado, precisa ser reorganizado, precisamos iniciar, não sair do zero, porque não temos que sair do zero hoje porque já temos uma prática da modalidade no país, mas temos que reestruturar daqui pra frente. Hoje a seleção permanente vai até 2016, depois de lá, tchau e bença pra todo mundo, então assim, as jogadoras vão ter que todas jogar pra fora do país porque não tem, infelizmente, um patamar de uma qualidade de um futebol alto no Brasil, você vai ter que sair pra fora pra ganhar dinheiro, é isso que funciona. Então não tá tudo errado Maria Thereza, não está completamente desestruturada a modalidade, o que nós temos é: precisamos de pessoas mais qualificadas, de jogadoras com visões mais críticas, de reorganização da CBF em relação ao calendário do futebol feminino e um trabalho em conjunto com federações e Confederação, sem isso a modalidade não cresce dentro dos estados. E, automaticamente, da área escolar. A gente fala sempre das federações e confederações e esquece que os talentos se iniciam geralmente nas escolas, e a gente não tem nada de trabalho em relação ao futebol feminino escolar. “Ah, mas o ministério produz um campeonato sub17 uma vez por ano”, bacana, é uma iniciativa interessante, mas que abrange um time de cada estado, somente vinte e cinco jogadoras.

Maria Thereza Oliveira Souza – Nessa situação, existe um sentimento de pertencimento a um grupo dessas atletas? Elas se portam como um grupo lutando por um grupo ou são ações isoladas?

Marina Toscano Aggio – Não, não existe porque a categoria é defasada, infelizmente. Eu não sei o que acontece lá no nordeste, o Brasil é muito grande e eu também tenho uma crítica em relação a isso. Nós temos um país onde tem milhões e bilhões de metros quadrados, é fácil organizar uma equipe na Itália e na Suécia, um campeonato na Suécia e na Itália, porque a Suécia é do tamanho de São Paulo, territorialmente falando. A Itália é tão pequena quanto, não é tão pequena quanto, é proporcional a quantidade de jogadoras que tem ali. No Brasil nós temos esse território imenso. A equipe do Ceará a gente nem sabe que existe ou não saberia que existia se não tivesse a Copa do Brasil, então entre o Oiapoque e o Chuí existem milhões de metros quadrados, então como a categoria vai ser unida dessa forma? Se nós só temos essa possibilidade de quarenta anos de modalidade no Brasil e é pouco isso, logicamente falando de campeonatos, porque desde 1921 acontece futebol no Brasil. Passou-se muitos anos aí sem, agregadas as leis e decretos que nos proibiam de jogar a modalidade, como ter essa categoria unida? Impossível, o Brasil é muito grande pra isso acontecer. E nós não temos uma liderança, não temos um líder específico ou alguém interessado que essa modalidade tenha uma liga independente ou que nós nos desvinculemos das equipes masculinas. É outra crítica que eu faço, porque eu acho que enquanto estivermos vinculados às equipes masculinas, em algumas situações, elas estão pouco preocupadas com a modalidade, o que interessa é que elas mantenham a equipe com uma pequena proporção de rendimento às atletas, haja visto que a dívida que eles tem no ministério público é muito alta e eles são obrigados a manter, porque nem todos os clubes mantem. O fato é que nossa categoria é bem desunida, as jogadoras, após o término, não sabem o que fazem ou voltam a reclamar da CBF por falta de oportunidade. Mas a CBF, como eu já disse, não é que ela tem esse discernimento pra manter suas jogadoras ou não após a carreira.

Maria Thereza Oliveira Souza – E com relação ao público, você falou da sua trajetória na Europa e aqui no Brasil. Na Europa existiam torcedores, público nos jogos? Como é essa comparação com o Brasil?

Marina Toscano Aggio – Muito maior, por ter uma evolução muito maior do futebol feminino lá dentro da Europa, no caso da Suécia, nós tínhamos uma média de 3, 4 mil pessoas aos jogos, então, apesar de o nosso estádio ser um estádio pequeno, todo jogo dentro de casa era um jogo que estava sempre com as arquibancadas lotadas. No período

que eu joguei Champions League na Itália, nós levamos vinte mil pessoas ao estádio do Verona Calcio Maschio. Na época jogamos o primeiro jogo contra Brighton da Inglaterra, e nós fomos jogar lá, depois eles vieram jogar e nós precisávamos ganhar de 3 a 0 e nós fizemos esse placar dentro do estádio, o qual nós nunca tínhamos pisado, nós fomos no estádio masculino que tinha sido emprestado pra nós e é como se fosse a nossa casa, e era mentira porque a gente treinava em um campo bem diferente, mas são as variantes do futebol feminino. E ali, depois nós tivemos jogo contra Malme e depois Malme veio até a nossa cidade também. Os públicos são maiores do que aqui. Eu não joguei na América então não posso dizer, haja vista a experiência que eu vejo pela seleção brasileira, via televisão, via mídia, eu acredito que muito maior, porque você vê lá cinquenta mil pessoas no estádio num amistoso da seleção brasileira. E, quanto aos campeonatos, você ouve das jogadoras que vêm de lá, que existe uma grande repercussão em relação ao público, porque é mais evoluído né, as pessoas tem mais condição de enxergar o futebol feminino como uma modalidade que não te difere do futebol masculino.

Maria Thereza Oliveira Souza – Nesse sentido, você acha que a imagem da Marta, cinco vezes melhor do mundo pela FIFA, foi pouco explorada no Brasil?

Marina Toscano Aggio – Foi o necessário enquanto ela esteve aqui. Como ele não vive no Brasil, só jogou alguns períodos aqui no Santos, essa exploração ela tem um limite. Eles não vão colocar ela exatamente como o melhor patamar, apesar de ela ser cinco vezes a melhor jogadora. E Marta ela é uma jogadora que tem críticas em relação a modalidade hoje, então dá um microfone pra ela, você não sabe exatamente o que vem daquilo, porque ela consegue enxergar um pouco mais criticamente o que acontece, já chorou várias vezes na frente a televisão, enfim, ela luta por uma modalidade melhor. Apesar do pouco, eu acredito, que a imagem dela seja vinculada a modalidade no Brasil, acho que ela poderia fazer um pouquinho mais em relação a isso. Mas a Marta é um ícone, aqui ou na Suécia, ou em qualquer lugar do mundo ela é conhecida. Explorar essa imagem da Marta é quando realmente ela se aposentar ou quiser vir terminar a carreira dela no Brasil, coisa que todos os jogadores masculinos fazem. Hoje é difícil ela voltar pro Brasil porque ela ainda quer concorrer ao prêmio da FIFA, e estar no Brasil hoje não tem a possibilidade alguma disso acontecer.

Maria Thereza Oliveira Souza – Por fim então, você gostaria de deixar uma mensagem para as atletas que buscam ainda seu caminho, seu lugar no futebol feminino brasileiro?

Marina Toscano Aggio – Claro, sem dúvida, tudo isso que eu disse pra você hoje, toda a totalidade dessa entrevista hoje. Eu tirei muitas coisas boas da modalidade, eu critico porque eu tenho uma visão um pouquinho mais ampla e vinte anos de conhecimento me dá a possibilidade de criticar essa modalidade que eu gostaria que crescesse, gostaria que se meu próximo filho fosse uma menina ela tivesse a possibilidade de uma prática da modalidade sem qualquer tipo de julgamento ou preconceito. Desses vinte anos de futebol feminino eu ganhei muita coisa culturalmente, eu saí de uma cidade pequena, eu saí da minha bola invisível e ampliei meus conhecimentos, tanto culturais, pelo fato de poder viver em outros países, quando então se eu não fosse jogadora eu não teria essa possibilidade. Então o esporte ele te dá essas possibilidades, coisa que se você fosse uma pessoa normal você não teria. Culturalmente, socialmente, quantas pessoas boas eu conheci nesse mundo, assim, eu tenho amigos na Suécia até hoje, tenho amigos na Itália até hoje, tenho amigos desse conhecimento do mundo futebolístico que são meninas que me procuram pra conversar até hoje. Conhecimentos com o futebol feminino profissional, vivi a estrutura profissional, vivi a estrutura amadora no Brasil. Politicamente falando, critico em relação a não ter políticas públicas que melhorem essa modalidade, que a gente teria que, apesar do que o ministério do esporte faz e a CBF faz, precisamos que mais órgãos públicos e privados invistam na modalidade. Tem muita coisa boa, viajei muito, conheci muitas pessoas. Culturalmente falando eu falo italiano, falo sueco, um inglês básico, porque não vivi em nenhum país que falava inglês, a não ser a Suécia que era a segunda língua. Então assim, saí do meu mundo e agreguei novos conhecimentos pra minha própria vida. Além do financeiro, porque ganhei dinheiro financeiramente fora do país, bem como, dez anos depois ganhei dinheiro com o futebol feminino no Brasil. Eu saí da modalidade deixando um salário razoavelmente bom pelo currículo que eu tinha, mas tinha um momento que eu tinha que parar e isso foi feito em 2014, pela necessidade de ser mãe e pela necessidade de viver outras contextualizações na vida, de sair daquele mundo só de futebol e que é estressante muitas vezes, porque você vivia em função de rendimento, rendimento. Minha equipe foi campeã da Copa do Brasil, de repente do brasileiro, esse ano tinha que ser da Libertadores, depois do Mundial, e assim sucessivamente. Então, nem sempre o esporte de rendimento é saudável e isso psicologicamente te cansa. Levaria

esperança pra todas as jogadoras que querem, porque há vinte anos atrás nós não tínhamos a possibilidade de ter tantas equipes como nós temos hoje. Hoje é mais fácil você indicar uma jogadora pra alguma equipe, seja do Paraná, apesar da droga do campeonato que nós temos do Paraná, e isso o próprio coordenador sabe, porque eu já falei isso pra ele, mas alguns outros estados têm campeonatos um pouco mais relevantes do que aqui, como é o caso de São Paulo. Então que essas meninas não percam, se é realmente isso que elas querem, existe a possibilidade da prática da modalidade hoje bem mais do que há vinte anos atrás quando eu comecei. Os caminhos foram trilhados, os meus caminhos foram trilhados devido a persistência que eu tinha em relação a busca da prática da modalidade. Hoje é mais fácil, hoje se a menina se destaca na escola, o professor pode indicar uma equipe, um clube, um treinamento. Ela consegue ir pra São Paulo e disputar campeonatos paulistas, brasileiros, depende do seu desenvolvimento dentro da modalidade. As portas estão mais abertas, é mais fácil praticar a modalidade hoje do que praticar ela vinte anos atrás. E vem com todos os seus problemas, não é que se ganha milhões, não é que essa visão de se ganhar milhões existe. Nós temos a melhor jogadora do mundo hoje que é a Marta que tem o salário mais alto do Brasil, no entanto, as outras jogadoras vêm se possibilitando a adquirir financeiramente ganhos maiores do que se tinha há vinte anos atrás. Que todas que tenham a vontade de praticar a modalidade possam correr em busca dela. Porque é uma modalidade que vem em crescimento, não disse que ela não crescia no Brasil, ela vem em crescimento generalizado, ela só precisa se reorganizar, mas pra isso nós precisamos de estrutura financeira, administrativa, coisas que a modalidade ainda vai demorar um pouquinho pra começar a ganhar.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então muito obrigada Marina pela sua entrevista e parabéns pela sua trajetória.

Marina Toscano Aggio – Muito obrigada, eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]